

LIVRO DE ANAIS

**COMUNICAÇÃO,
CULTURA E
MÍDIAS SOCIAIS**

**XIV Congresso
Ibero-Americano
de Comunicação
IBERCOM 2015**

Copyright © AssIBERCOM • Todos os Direitos Reservados

A presente publicação encontra-se disponível gratuitamente em: <http://www.assibercom.org>

Richard Romancini

Maria Immacolata Vassallo de Lopes

Organizadores

Richard Romancini

Edição Científica

Tony Rodrigues

Projeto Gráfico e Diagramação

André Drumond Ortega

Giulia Bonfiglioli

Haline Aparecida de Oliveira Floriano

Revisão

Catálogo na Publicação
Serviço de Biblioteca e Documentação
Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo

C749a Congresso Ibero-Americano de Comunicação (14. : 2015 : São Paulo) – IBERCOM 2015

Anais do XIV Congresso Ibero-Americano de Comunicação IBERCOM 2015 :
comunicação, cultura e mídias sociais / Richard Romancini, Maria Immacolata Vassallo de Lopes
(organizadores) – São Paulo: ECA-USP, 2015.

7.652 p.

Trabalhos apresentados no congresso realizado de 29 de março a 02 de abril de 2015,
Escola de Comunicações e Artes/USP, São Paulo.

ISBN 978-85-7205-150-7

1. Comunicação – América Latina - Congressos 2. Comunicação – Península Ibérica – Congressos
I. Romancini, Richard II. Lopes, Maria Immacolata Vassallo de

CDD 21.ed. – 301.16

Promoção e realização:



Mídias sociais e mediação: quem medeia e quem é mediado?

Social media and mediation: who mediates and who is mediated?

MARCIEL A. CONSANI¹

Resumo: A pesquisa fundante realizada pelo Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo (NCE-ECA/USP) em 1998 apresentou a Mediação Tecnológica na Educação como uma vertente do campo educacional em franca expansão, por conta, principalmente, da inserção crescente das tecnologias digitais na educação, dentro e fora das escolas. O conceito educacional de “mediação”, aportado da Teoria das Mediações referenciada em Jesus MARTÍN-BARBERO, embasou as reflexões iniciais sobre a natureza e a significação social daquela abordagem, visando afastá-la de orientações tecnocráticas e acríticas. Passada uma década e meia daquela investigação inicial consideramos cabível uma reavaliação profunda das interações entre a educação e a tecnologia pelo viés da Educomunicação. Como justificativa para esta revisão invocamos o surgimento de novos objetos de interesse investigativo para o campo educacional, tais como as Redes Sociais e a Web 2.0. A contribuição esperada de nosso texto é a de atualizar o debate sobre o papel das mídias e tecnologias digitais, apontando novas perspectivas para a prática educacional, fundamentais para apoiar o trabalho dos educadores. **Palavras-Chave:** Educomunicação, Redes Sociais Digitais, Mediação, Tecnologia, Web 2.0.

Abstract: The foundational research conducted by the Center for Communication and Education of the School of Communications and Arts, University of São Paulo (NCE-ECA/USP) in 1998, introduced Technology Mediation in Education, an aspect of Educommunication, a field in rapid expansion due to growing inclusion of digital technologies in education, inside and outside schools. The educative concept of “mediation”, as described by Jesus Martin-Barbero in his *Theory of Mediation*, supported the initial reflections about the nature and social relevance of this approach, distancing itself from a technocratic, acritical orientation. After a decade and a half since that early research, we aim at reassessing the interactions between education and technology through the lens of Educommunication. This revision is warranted, based on the emerging of new topics in Educommunication, such as social networks and Web 2.0. Our contribution updates the discussion about the role of media and digital technology, offering new perspectives for Educommunication praxis, essential to support the work of educators.

Keywords: Educommunication, Social Networks, Mediation, Technology, Web 2.0.

1. Doutor em Ciência da Comunicação, Professor Doutor efetivo da Escola de Comunicações e Artes da Universidade de São Paulo, contato: mconsani@usp.br.

INTRODUÇÃO

Apresentação

EM MEADOS de 2001, eu mal debutara como professor no ensino superior (embora já acumulasse doze anos de trajetória profissional na educação), quando pude assistir a uma inspiradora série de palestras promovidas pela faculdade na qual eu lecionava. O evento versava sobre as últimas tendências em comunicação, avançadas pelo “boom” que a Internet brasileira experimentava, naquele início de milênio (o ano era 2001).

Um dos convidados era o representante da renomada Fundação Roberto Marinho, indissociável do maior conglomerado de canais de comunicação do país: a Rede Globo de Televisão.

Ante o meu questionamento sobre os esforços daquela empresa para estender a proeminência conquistada no mundo analógico ao ciberespaço, o palestrante assegurou que o objeto de sua explanação — o portal *Globo.Com* — era a resposta à minha pergunta.

Intimamente a resposta me encheu de ânimo, ainda que por motivos totalmente opostos aos do meu interlocutor: pude vislumbrar uma perspectiva de democratização da comunicação digital, embalado por uma dose considerável de otimismo (que hoje sei, ilusório) quanto às promessas fabulosas encampadas, então, pela recém consolidada Internet.

O aparente desconhecimento dos pretensos *gatekeepers* em relação ao potencial da web, principalmente, de sua dinâmica como ambiente comunicacional, realmente inspirava os entusiastas da nova mídia a acreditar que estávamos diante de uma revolução tecnológica pronta para subverter a ordem hegemônica dos meios de produção cultural.

Esta é uma ilusão que se desvaneceu aos poucos, mas de forma inexorável. É certo que os grandes conglomerados que pautam o *agenda setting* constritor da informação e da comunicação não lograram estender seu monopólio além da relativa insignificância dos seus portais, os quais funcionam muito menos como postos de parada obrigatória e mais como atrações eventuais, diluídas como outras, num mar de páginas virtuais.

Apesar desta dinâmica niveladora da grande rede, a verdade é que hoje, mais do que nunca, nos encontramos enredados em novos tipos de dominação, mais difíceis de se detectar e cerceados por grupos e marcas monopolizadores cujo domínio aumenta na mesma proporção em que viceja a ilusão dos internautas que ainda se acreditam protagonistas no mudo virtual.

Sobre este texto

Embora já não tão recente, o fenômeno das Redes Sociais Digitais² (RSD) persiste como um hábito cultural cada vez mais arraigado: hoje, pertencer ao Facebook, ao LinkedIn ou a qualquer RSD mais popular é quase uma questão de cidadania digital, uma garantia de inclusão em nossa contemporaneidade, cujas implicações merecem ser investigadas.

O viés crítico do presente artigo almeja ser apenas o pano de fundo para uma discussão mais ampla sobre o conceito de ação mediadora, que pode ser considerada

2. A escolha desta terminologia específica – a qual traduziremos, doravante por seu acrônimo – procura ser o mais favorável possível à desambiguação do termo. Também busca aproximar-se da completude, contemplando assim o elemento estrutural (R/Rede), social (S) e tecnológico (D/Digital).

uma modesta tentativa de acréscimo à Teoria das Mediações de Martín-Barbero (2003) à luz das práticas e desenvolvimentos teóricos vivenciados por este pesquisador junto ao Núcleo de Comunicação e Educação da Escola de Comunicações e Artes da USP (NCE-ECA USP)³.

Para conduzir nossa argumentação, dividimos o texto em três partes principais. Na primeira, resgataremos a origem do conceito de Mediação Tecnológica na Educação, oriundo da chamada Pesquisa Fundante desenvolvida pelo referido núcleo no ano de 1998.

A segunda parte apresenta a tese “Mediação Tecnológica na Educação: conceito e aplicações”, defendida por este autor junto ao Centro de Comunicação e Artes (CCA) da ECA-USP, a qual se propunha a aprofundar as implicações teóricas e práticas da Mediação no campo educacional.

Na terceira parte procuraremos responder a pergunta proposta no título deste paper fazendo uso da abordagem analítica apoiada no conceito da MTE, agora acrescida de atualizações e direcionada para o objeto de estudo constituído pelo fenômeno das RSD.

Ao final, agregaremos algumas considerações que consideramos pertinentes.

I. A MTE COMO UMA VERTENTE EDUCOMUNICATIVA ORIUNDA DA PESQUISA FUNDANTE DO NCE-ECA/USP

Embora o NCE não tenha criado, mas tão somente, re-semantizado o termo “Educomunicação”, é inegável que ele construiu um arcabouço de saberes que sustentam hoje, posições bem esclarecidas dentro da interface Comunicação/Educação.

O chamado Paradigma Educomunicativo alcançou, ao longo das últimas duas décadas, avanços decisivos em seu intento de se consolidar como um campo de conhecimento na intersecção entre a Comunicação e a Educação. Tal desenvolvimento conceitual deve sua solidez a uma trajetória concomitante de pesquisas acadêmicas que se somam e se complementam e, também, a um cabedal de vivências práticas acompanhadas junto aos diversos contextos educativos formais e informais.

Segundo nos relata Soares (2011) o marco referencial deste processo foi a pesquisa “O Perfil do Educomunicador”, na qual ocorreu o mapeamento preliminar de práticas que viriam a ser aglutinadas como vertentes educacionais de intervenção:

Para comprovar as hipóteses levantadas a respeito da presumível emergência do campo de inter-relação comunicação/educação, a equipe do Núcleo de Comunicação e Educação — NCE realizou uma pesquisa cujos instrumentos investigatórios foram: aplicação de questionário exploratório junto a uma amostragem significativa (400 questionários respondidos por 178 especialistas de 12 países do continente); entrevistas com 25 especialistas latino-americanos de reconhecido renome, além da promoção de workshops, seminários e de congressos para coleta de dados posteriormente incorporados ao trabalho. (Soares, 2011, 27-28).

Com base naquela recolha de dados, o grupo de pesquisadores do NCE definiu quatro vertentes principais a partir das quais os educadores atuam. Com o

3. Trata-se de uma instância caracterizada como núcleo de extensão ligada à Escola de Comunicações e Artes da USP e que se dedica a identificar e estudar as interfaces sociais entre Comunicação e Educação, principalmente para sustenta projetos de intervenção pedagógica no âmbito das políticas públicas.

acréscimo de trabalhos posteriores, o leque de intervenções cresceu e abrange, hoje, seis modalidades: (1) educação para a comunicação; (2) expressão comunicativa através das artes; (3) mediação tecnológica nos espaços educativos; (4) a pedagogia da comunicação; (5) a gestão da comunicação nos espaços educativos e, por fim, (6) a reflexão epistemológica sobre a prática educomunicativa (Soares, 2012, 47).

Uma das áreas de intervenção presentes no levantamento original e que mais chamou a nossa atenção, foi a de número (3) que, à época da pesquisa, foi chamada simplesmente como “Mediação Tecnológica na Educação”, designação que manteremos neste artigo sob o acrônimo MTE.

Nosso interesse específico foi alimentado por dois motivos, sendo o primeiro, a trajetória pessoal do pesquisador, que, entre 1998 e 2002, atuou intensamente como formador de docentes para o uso das Tecnologias de Informação e Comunicação (TIC) na rede pública municipal da cidade de São Paulo. O outro motivo de interesse adveio do fato de que a abordagem comunicativa demonstrava ser muito mais (sócio) interacionista em relação aos agentes do processo pedagógico⁴ do que as orientações instrucionistas que proliferavam, muitas vezes, sob o guarda-chuva amplo da “Informática Educativa”.

Àquela altura, a resposta para as contradições que nós (educadores) constatávamos na relação Educação/Tecnologia apontava para a práxis educomunicativa no processo pedagógico. Esta privilegiava o aspecto relacional pelo viés da comunicação interpessoal, sobre a abordagem tecnológica, a qual, muitas vezes, era entendida pelos docentes como uma instância técnica que se resumia à necessidade de “dominar a máquina”.

Esta conjunção de fatores motivou nosso ingresso no grupo de pesquisadores do NCE (no ano de 2004) com foco, essencialmente, no aprofundamento da investigação sobre a pertinência da MTE como um aporte significativo da educomunicação para a demanda crescente por contextualizar a cultura digital dentro nos espaços educativos.

Após um período inicial necessário à definição do recorte da pesquisa que realizaríamos, ficou claro que a própria área de intervenção ser constituiria no objeto da pesquisa, uma vez que existiam ainda poucas pesquisas referenciadas naquele conceito ou que com ele dialogassem, uma vez que faltava-lhe um maior enquadramento epistemológico.

A orientação do trabalho ficou a cargo do Prof. Dr. Ismar de Oliveira Soares, que levou a conta o envolvimento do NCE intenso, na época, com projetos importantes baseados em ambientes virtuais de aprendizagem (AVAs) no âmbito das redes públicas. Dois destes projetos merecem ser mencionados: o *Educom.TV*⁵ e o *Programa de Formação continuada em Mídias na Educação*⁶.

Assim se delineou a construção da tese (Consani, 2008) que será o tema da próxima seção.

4. É assim que designaremos, quando necessário, os alunos, professores e demais membros da comunidade escolar — no caso da educação formal, como nas escolas — e também os diferentes protagonistas envolvidos em processos comunicativos que promovam a educação — nos contextos não-formais, como nas Organizações da Sociedade Civil.

5. O *Educom.TV* foi um projeto de educação online desenvolvido em 2002 junto a 2.240 professores do Estado de São Paulo voltado para o uso e análise do audiovisual e da TV no espaço escolar (Soares, 2003).

6. O “Mídias na Educação” foi concebido como um curso de especialização Lato Sensu de professores da rede pública para a implementação de projetos educativos envolvendo uma ou mais linguagens midiáticas. O NCE manteve esta parceria com o Ministério da Educação (MEC) e a Universidade Federal de Pernambuco (UFPE) entre os anos de 2005 e 2013, finalizando sua participação com a emissão de cerca de 450 certificados finais.

2. A TESE “MEDIAÇÃO TECNOLÓGICA NA EDUCAÇÃO E SUAS POSSÍVEIS IMPLICAÇÕES PARA ANALISAR A PROBLEMÁTICA DAS REDES SOCIAIS DIGITAIS

O ponto de partida desta pesquisa consistiu na detecção de que a Mediação Tecnológica na Educação (MTE) era um conceito central para a Educomunicação, faltando-lhe, porém, a consistência e a clareza necessárias para que ele se constituísse numa referência significativa e epistemologicamente confiável.

Assim, a investigação buscou, antes de tudo, definir um sentido preciso para a expressão MTE, no afã de validar e legitimar o seu uso, obtendo os resultados esperados de ampliação e fortalecimento do quadro teórico que sustenta a Educomunicação.

A abordagem introdutória escolhida partiu da apresentação da trajetória pessoal, profissional e acadêmica do pesquisador, seguida da recapitulação e reavaliação dos principais projetos educacionais desenvolvidos pelo NCE (Núcleo de Comunicação e Educação) da ECA-USP, com destaque para aqueles que implicassem diretamente na relação Educação/Tecnologia.

O levantamento dos aspectos filosóficos, epistemológicos e históricos que convergem no conceito de mediação, contextualizam e embasam a discussão nos capítulos centrais da tese, que culminam na análise comparativa de diversos modelos mediadores da interface Comunicação/Educação e sua síntese num modelo inovador denominado “Metáfora da Orquestra”.

Antes das considerações finais, um último capítulo é dedicado ao esboço do que seriam as aplicações possíveis da MTE, com ênfase no conceito de Tecnologia Educacional, desde seus primórdios até a problemática relacionada com a chamada Educação a Distância.

As considerações finais se concentraram na tarefa de apontar as perspectivas para possíveis desdobramentos investigativos apontados pela tese.

Por fim, uma seção de anexos, razoavelmente extensa, procurou apresentar um material de apoio (“Guia do Tutor”) desenvolvido para o curso “Formação Mídias na Educação” como um pequeno compêndio de práxis educacional aplicada ao ambiente virtual específico no qual o curso foi desenvolvido.

Apresentaremos, a partir deste ponto, um maior detalhamento do conteúdo do referido trabalho, capítulo a capítulo.

2.1. Capítulo I: os projetos do NCE como exemplos de mediação

Como capítulo inicial nos pareceu importante fazer uma espécie de “declaração de princípios”, apresentando o referencial educacional para que o leitor pudesse apreender o contexto dentro do qual as linhas de raciocínio da tese se desenvolveram.

A extensão e detalhamento do capítulo, se justificam pelo enfoque do estudo, centrado na análise da mediação com base na atitude dos mediadores. A intenção central foi a de demonstrar que a figura do mediador esteve presente em todas as intervenções desenvolvidas pelo NCE em seus projetos.

Assim procedeu-se a uma análise comparativa, organizada em quadros sinópticos, de todos os projetos desenvolvidos pelo referido núcleo de extensão entre 2002-2008.

2.2. Capítulo II: discutindo a Mediação

O Núcleo da Tese pode ser identificado na soma dos capítulos II e III, nos quais se discutem, respectivamente, a problemática em torno do conceito da mediação (II) e sua possível ressignificação (III).

A análise da problemática em si objetivou:

- (a) entender o uso corrente da expressão Mediação partindo de sua etimologia;
- (b) contextualizar o uso da expressão dentro do referencial educacional na vertente MTE com base nos modelos de mediação abstraídos de algumas correntes de pensamento presentes na Comunicação e na Educação.

A pesquisa etimológica, ainda que considerando o apoio oferecido pela linguística e a semântica, não buscava um aprofundamento nessas duas abordagens, mas, tão somente, alguns subsídios que pudessem alavancar a discussão.

A origem do termo “mediar” foi mapeada desde sua matriz latina (“*medium*”) e, de modo particular, também na língua inglesa (“*mediation*”). A informação relevante ali apresentada consistiu na multiplicidade de sentidos assumidos pelo termo mas, também, sua transformação em algo que não fosse apenas a idéia básica de “um objeto interposto entre dois elementos”.

Complementando essa análise, por assim dizer, filológica, a reconstituição do percurso histórico em que o termo ocorre começa na filosofia clássica de Aristóteles a Hegel e adentra pela sociologia marxista, antes de chegar aos estudos comunicacionais contemporâneos. Neles, destacamos os trabalhos de Martín Serrano, Jesus Martín-Barbero e Néstor Garcia Canclini. Esta última tríade de pensadores pode ser apontada, sem dúvida nenhuma, como a fonte que origina o uso corrente do termo “mediação” no campo da Comunicação Social, tal como dele se apropriou a Educomunicação.

O desenvolvimento da mediação como um conceito central dentro das novas teorias de comunicação e que tem como marco o livro “*De los medios a las mediaciones*” de Martín-Barbero (2003), pode ser interpretado como uma apropriação de uma abordagem sociológico-socialista dentro de um arcabouço cultural radicalmente diverso: cultura do colonizador *versus* cultura do colonizado.

2.3. Capítulo III: trazendo a mediação para o campo da educação

A esta altura o objetivo da tese de aclarar o conceito de mediação, mesmo longe de se esgotar já havia atingido um patamar propício ao ponto seguinte: a aplicação do conceito no contexto da Mediação Tecnológica na Educação.

O capítulo que mais se ocupa desta questão, o de número III, articula-se com o desenvolvimento de três aspectos básicos:

- (a) uma abordagem ontológica do conceito de mediação;
- (b) a análise esquemática de alguns modelos de mediação oriundos dos campos da Comunicação e da Educação;
- (c) a construção de um modelo hipotético que alinhavasse todas estas análises: a *Metáfora da Orquestra*.

A contextualização destes modelos emprestados ao campo da Educação resultou no resgate de um “elo perdido” entre a referência pedagógica mais frequentemente invocada pela Educomunicação — a obra do brasileiro Paulo Freire — e o principal estruturador da abordagem sócio-interacionista: L. S. Vigostky.

2.4. Capítulo IV: o recorte histórico da MTE

Podemos considerar como função principal deste capítulo o esforço de aproximar uma discussão eminentemente teórica desenvolvida ao longo dos dois capítulos precedentes para o universo “concreto” dos projetos de intervenção vivenciados com proximidade pelo pesquisador.

A abordagem escolhida consistiu no levantamento de pontos de equivalência entre os campos da Pedagogia, da Tecnologia e da Comunicação, visando demonstrar que as diferentes denominações para o trabalho educativo envolvendo tecnologias e mídias consistiam, fundamentalmente, em estratégias de mediação referenciadas nos enfoques específicos das áreas de origem.

Deste modo, concluiu-se que o conceito de MTE poderia ser proposto como uma abordagem aproximadora de áreas do conhecimento tradicionalmente apartadas entre si.

2.5. Capítulo final: considerações em aberto

O último capítulo de nossa tese assumiu como leitor preferencial o educador, identificado como o profissional no efetivo exercício desta atividade ainda em construção, mas também aquele interessado munido de disposição e receptividade suficientes para identificar-se, em algum aspecto, com as propostas sustentadas pela Educomunicação.

Ali, procuramos oferecer a possibilidade de diferentes modos de apropriação do trabalho, orientados da seguinte forma: (a) possíveis itinerários na leitura deste trabalho; (b) contribuições conceituais da pesquisa; (c) contribuições metodológicas da pesquisa; (d) tendências e pontos para desenvolvimento futuro e (e) prováveis omissões e incompletudes.

Tais pontos de reflexão serviram, inclusive, para a releitura posterior da tese por seu próprio autor, permitindo o necessário distanciamento histórico que permite separar as contribuições ainda válidas para a análise do contexto contemporâneo, daqueles preceitos já datados ou superados pelas rápidas transformações do paradigma comunicacional verificadas no intervalo de quase uma década.

Assim, na próxima seção, reafirmamos nossa disposição em lançar alguma luz sobre a mediação no âmbito das Redes Sociais Digitais.

3. AFINAL, QUEM MEDEIA QUEM? MEDIADORES EVIDENTES E MEDIADORES OCULTOS

Para responder aquela questão colocada desde o título de nosso artigo é preciso estabelecer alguns pressupostos.

- I. Tomando-se como hipótese de trabalho a dinâmica própria das redes sociais digitais, é preciso, primeiro, definir o escopo da dupla questão presente em nosso enunciado. De antemão, devemos estabelecer a pertinência de alguns denominadores, tais como

- a. O processo da Mediação
- b. O sujeito da Mediação
- c. O objeto da Mediação

Assim, observe-se o quadro abaixo:

Quem Medeia?	Quem é mediado?
Elemento que é o sujeito e protagonista do processo de mediação.	Elemento que é objeto e sofre os efeitos da mediação.

- II. Algo a ser reiterado e que consideramos o ponto fulcral estabelecido em nossa mencionada tese de doutoramento (Consani, 2008) é o fato de que a mediação nada tem de espontânea, sendo um processo consciente e ativo conduzido por um ou mais agentes identificáveis.
- III. Um outro pressuposto importante é o de que a mediação é um processo consensual, ou seja, que todos os agentes envolvidos desejam que o processo educativo se desenvolva e cumpra seus objetivos.

Nos dias de hoje, diríamos que a mediação ocorre no jogo de interações (ou forças, no sentido consagrado pela Física) entre os distintos agentes envolvidos, o que aparece de maneira bastante clara quando o mediador nominado — isto é, aquele que assume, ou ao qual se atribui ação mediadora — não dispõe das condições suficientes protagonizar, sozinho, o processo em questão.

Tomemos como exemplo de cenário da mediação a sala de aula, lócus preferencial da escola como instituição educadora. Aqui, o professor representaria o mediador nominado, ao qual se confia a condução do processo de mediação pedagógica entre o grupo de alunos e a instituição educadora representada na própria escola e seus atributos (currículo, conteúdos, Projeto Político Pedagógico).

Caso as orientações que norteiam o professor sejam demasiado limitantes, definidas aprioristicamente, fechadas, inegociáveis; seu poder de mediação enquanto agente se torna bastante reduzido. De outro lado, isto também pode acontecer se os alunos não se considerarem parte do processo⁷. Uma vez que os discentes se sintam excluídos do consenso necessário, eles deixam de atuar na dinâmica do processo pedagógico, manifestando desatenção e desinteresse em diversos graus.

Por falta de um termo mais adequado, no momento, daremos a este processo o título provisório de “Mediação Evidente”.

Já numa dinâmica ideal desse tipo de mediação deve haver, realmente, um balanço de forças entre as instâncias que orientam o professor (“acima” dele = os gestores) e as instâncias sobre as quais recaem suas orientações (“abaixo” dele = os discentes). Num quadro de equilíbrio, ou, num ecossistema comunicativo harmônico (Soares, 2012), o

7. Naquilo que Moore & Kearley (2008) denominariam de “uma grande distância transacional”, referindo-se, não a uma grandeza física de distância, mas sim a um distanciamento relacional entre docente e discente.

processo pedagógico fluiria sem impedimentos, somando a participação de todas as instâncias envolvidas, as quais perseguem os mesmos objetivos e caminham juntas na mesma direção.

Tais exemplos de Mediação Evidente, facilitam o entendimento do que chamamos aqui de “mediar”, quando personificamos o mediador na figura do docente. De fato, este papel, corresponde à maior parte dos contextos em que a educomunicação intervém, ainda que o termo “professor” seja, por vezes, substituído por outras denominações, tais como educador, facilitador, tutor e, até mesmo, mediador.

Em contraposição, o processo mediador pode ocorrer de forma bem menos explícita, o que dificulta a transposição do modelo de mediação descrito como “evidente” para o chamado ciberespaço, que é, a rigor, um não-lugar. Além da abstração física do processo mediador, ao ambiente virtual apresenta dinâmicas específicas, que se aplicam, por exemplo, no âmbito das Redes Sociais Digitais.

Diferentemente de um AVA⁸, que é administrado centralmente pelos gestores localmente pelo tutor/mediador, os espaços de interação virtual como o Facebook, o Instagram e o Twitter — só para citar algumas das RSD mais populares, se apresentam como instâncias “livres”, dentro das quais os membros — na verdade, usuários inscritos mediante a aceitação plena ou tácita de um contrato de serviços — podem fazer tudo o que quiserem dentro das restrições técnicas e regimentais inerentes a cada rede social específica.

Esta percepção superficial, entretanto, escamoteia o fato de que as RSD mencionadas foram criadas e são mantidas por empresas comerciais de capital aberto que lucram com seus serviços. O fato do preço de tais “produtos” ser absorvido por uma amálgama de publicidade, investimento especulativo e custo diluído no acesso do usuário às redes, ilustra bem o conceito aqui proposto de “mediadores ocultos”.

Levando-se em conta que o desconhecimento dos aspectos ligados à gestão financeira e técnica da web alimenta uma espécie de confiança irrestrita naqueles que acessam a rede, nos recordamos daquela palestra relatada na apresentação deste artigo, o que corresponde a um alerta: somos efetivamente mediados de forma constante, invasiva e disfarçada.

O alerta cabe, não para despertar impulsos de uma vaga paranóia ou de trazer de volta a atitude “denuncista” da leitura crítica dos meios de comunicação, abordagem já esgotada há algumas décadas, e que não dá conta da atual dinâmica hipermediática que não corresponde ao contexto da comunicação “de massa”.

O que pontuamos, aqui, é a urgência para entendermos os processos comunicacionais que operam neste novo paradigma de cultura digital, virtual e permanentemente conectada. Ou, no dizer de Recuero (2009):

Na verdade, a abordagem de rede fornece ferramentas únicas para o estudo dos aspectos sociais do ciberespaço: permite estudar, por exemplo, a criação das estruturas sociais; suas dinâmicas, tais como a criação de capital social e sua manutenção, a emergência da cooperação e da competição; as funções das estruturas e, mesmo, as diferenças entre os variados grupos e seu impacto nos indivíduos. (Recuero, 2009, 21)

8. Ambiente Virtual de Aprendizagem, conjunto de ferramentas criado para funcionar online dando suporte a todas as etapas do processo pedagógico virtual.

O fato é que defendemos a ideia de que o corpus epistemológico da educomunicação, no recorte da MTE pode oferecer contribuições significativas para a compreensão e o emprego consciente das RSD em contextos educativos.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A importância da mediação no processo comunicativo não se limita a um aporte teórico das ciências sociais que contaminou os estudos culturais nas últimas décadas.

Ao contrário, vemos a possibilidade nada remota de, aquilo que a Educomunicação chama de Mediação ser, de fato, uma resignificação do próprio conceito original. Este já se apresentaria reformado dentro de um novo programa e embasado numa vasta gama de vivências práticas em projetos de intervenção social.

Assim, entendemos que o objeto de estudo da Educomunicação evidencia-se não como uma construção arbitrária, partilhada por um pequeno grupo de iniciados, mas como um conjunto de tecnologias sociais para o entendimento e resolução de problemas bastante aplicado, razoavelmente estudado e em adiantado estado de sistematização.

Dentro deste entendimento, propomos aos educadores que assumam sua função-chave de mediadores nos contextos educativos e que desenvolvam, intensamente, ações que incentivem o questionamento e a reflexão, visando a construção de uma sociedade verdadeiramente democrática e plural, seja no mundo concreto, seja no campo do virtual.

REFERÊNCIAS

- Consani, M. A. (2008) *Mediação Tecnológica na Educação: conceito e aplicações*. Tese (Doutorado em Ciência da Comunicação) – Escola de Comunicações e Artes, USP. São Paulo. Recuperado em 10 de março, 2015, de: <http://www.teses.usp.br/teses/disponiveis/27/27154/tde-27042009-115431/es.php>.
- Martín-Barbero, J. (2003) *Dos Meios às Mediações: comunicação, cultura e hegemonia*. Rio de Janeiro, UFRJ.
- Moore, M. & Kearsley, G. (2008) *Educação a Distância: uma visão integrada*. São Paulo, Cengage.
- Recuero, R. (2009) *Redes Sociais na Internet*. Porto Alegre, Sulina.
- Soares, I. O. (2012). *Educomunicação: o conceito, o profissional, a aplicação*. São Paulo, Paulinas.
- (______). (2011) *Educomunicação: um campo de mediações*. In Citelli, A. O. & Costa, M. C. C. *Educomunicação: construindo uma nova área de conhecimento*. São Paulo, Paulinas.
- Soares & cols. (2003) *O Projeto Educom.TV: formação online de professores numa perspectiva educacional*. Separata em format digital disponível para download. Recuperado em 10 de março de 2015 em <http://www.usp.br/nce/wcp/arq/textos/4.pdf>.